

Félix Peyrallo Carbajal e sua viagem vertical à procura de *los raros*

Ricardo Machado

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Félix Peyrallo Carbajal foi um intelectual nascido em Montevidéu em 1913 que viveu como nômade percorrendo diferentes regiões, especialmente no continente americano, construindo quadrantes solares e proferindo conferências sobre literatura, ciência e filosofia. Apesar de controversas, há informações de que Peyrallo teria feito sua formação acadêmica em Madri, Paris e Stanford e ao longo de sua vida, buscado estabelecer convívio com intelectuais e artistas como Pedro Garfias, Carilda Oliver Labra, Eduardo Galeano, Manuel Bandeira, dentre outros. Peyrallo viveu até 2005, sem escrever uma obra literária e sem destino certo, deixando registros de sua vida dispersos pelos lugares onde esteve. Neste artigo, utilizaremos dos documentos produzidos a partir das investigações feitas pela Ditadura Civil-Miliar brasileira e das cartas enviadas por Peyrallo para a poeta Carilda Oliver Labra em Cuba. Esses registros, ainda que esparsos e fragmentários, permitiram a aproximação com a vida de Rubén Darío. Assim como Peyrallo, o poeta nicaraguense buscou promover encontros intelectuais e viveu em deslocamento ao longo de sua vida, tomando como referência existencial artistas que foram por ele nomeados como *los raros*, cujas crônicas biográficas publicou em livro no ano de 1896. Mesmo não sendo contemporâneos, Peyrallo percorreu os lugares por onde o nicaraguense viveu, tomou sua literatura e a procura por *los raros* como referência para sua própria vida. Este artigo busca problematizar o encontro, ainda que anacrônico, destas duas existências atravessadas pela poesia e pela viagem.

PALAVRAS-CHAVE: *Los raros* - Félix Peyrallo Carbajal - Rubén Darío.

Félix Peyrallo Carbajal and his vertical trip in search of the awkward

Abstract

Born in 1913 in Montevideo, Félix Peyrallo Carbajal was an intellectual who lived as nomad in different regions of America, building solar quadrants and giving lectures on literature, science and philosophy. According to certain sources he attended university in Madrid, Paris and Stanford and sought contact with intellectuals like Pedro Garfias, Carilda Oliver Labra, Eduardo Galeano, Manuel Bandeira, among others. He did not produce a literary work or have a fixed place until 2005. Records of his life are spread over the places he visited. This article focuses on documents and research emerged during the Brazilian dictatorship and correspondence between Peyrallo and Carilda Oliver Labra in Cuba. These records, though fragmentary, shed light upon relationships with Rubén Darío. By searching contact with intellectuals, Nicaraguan poet Rubén Darío also lived in many places during his life and identified as referents those artists he characterised as awkward, whose lives have been transformed in biographical chronicles published in 1896. In spite of the fact that they were not contemporary, Peyrallo lived

in same places as Rubén Darío, referred to his literature and searched his path in *the awkward*. This article intends to analyse the overlapping of these two writers, both characterised by poetry and travelling in spite of its anachronism.

KEYWORDS: *Los raros* - Félix Peyrallo Carbajal - Rubén Darío.

Félix Peyrallo Carbajal y su viaje vertical en búsqueda de los raros

Resumen

Félix Peyrallo Carbajal fue un intelectual que nació en Montevideo en 1913 y vivió como nómada por diferentes regiones, especialmente en el continente americano, construyendo cuadrantes solares y pronunciando conferencias sobre literatura, ciencia y filosofía. Según ciertas informaciones, habría realizado su formación universitaria en Madrid, París y Stanford y, a lo largo de su vida, buscó convivir con intelectuales, como Pedro Garfias, Carilda Oliver Labra, Eduardo Galeano, Manuel Bandeira, entre otros. Peyrallo vivió hasta 2005, sin escribir una obra literaria y sin destino cierto, dejando registros de su vida dispersos por los lugares que transitó. En este artículo, utilizaremos los documentos producidos a partir de las investigaciones realizadas por la dictadura cívico-militar brasileña y de las cartas enviadas por Peyrallo a Carilda Oliver Labra en Cuba. Estos registros, aunque fragmentarios, permiten una aproximación con la vida de Rubén Darío. Así como Peyrallo, al buscar promover encuentros intelectuales, el poeta nicaragüense también vivió en desplazamiento a lo largo de su vida, tomando como referencia existencial a artistas por él nombrados como *los raros*, cuyas vidas fueron transformadas en crónicas biográficas, publicadas en libro en 1896. A pesar de que no fueron contemporáneos, Peyrallo transitó por sitios donde Rubén Darío vivió, tomó su literatura y la búsqueda de *los raros* como un camino propio. Este artículo busca problematizar el encuentro, aunque anacrónico, de estas dos vidas

atravesadas por la poesía y el viaje.

PALABRAS CLAVE: *Los raros* - Félix Peyrallo Carbajal - Rubén Darío.

Talvez tenha sido a loucura que me impeliu a viajar. Pode ser que tenha sido a loucura. Eu dizia que tinha sido a cultura. Claro que a cultura às vezes é a loucura, ou compreende a loucura. Talvez tenha sido o desamor que me impeliu a viajar. Talvez tenha sido um amor excessivo e transbordante. Talvez tenha sido a loucura.

Roberto BOLAÑO (*Amuleto*)

No fundo, sempre o desejei. Todo mundo quis fazê-lo alguma vez. Todos abominamos o lar confortável, esse domicílio fixo que leva escrito o nome da morte na perfeita tristeza de nossos móveis, na bondade da cama de cada dia, em nossa vida cinzenta de perfeita ordem infeliz.

Enrique VILA-MATAS (*Viagem Vertical*)

A escolha das duas epígrafes deste texto não foi aleatória. Elas dizem respeito à viagem como procura de uma experiência artística estranha, rara. Roberto Bolaño, em seu *Amuleto* (2006), narra a história da personagem Auxilio Lacouture, uma uruguaia, que se lançou em viagem pela América Latina e no final dos anos 1960 estava no México, vivendo na casa do poeta espanhol exilado, Pedro Garfias.¹ Sua vida foi marcada pelos dias que passou trancada no banheiro feminino da Faculdade

¹ A personagem foi inspirada na história verdadeira de Alcira Soust Scaffo (1924-1997), uma uruguaia que permaneceu 12 dias no banheiro da UNAM durante a invasão do exército mexicano no Campus Universitário ocorrida em 18 de setembro de 1968.

de Filosofia e Letras da UNAM, na cidade do México. Em 1968, no momento em que a universidade foi invadida pelos militares, Lacouture estava sentada na latrina «lendo aquelas poesias tão delicadas de Pedro Garfias, que tinha morrido fazia um ano, *don* Pedro tão melancólico, tão triste da Espanha e do mundo em geral» (Bolaño, 2006). Na história, ela foi a única pessoa que resistiu à ocupação da UNAM.

Não se sabe ao certo o tempo que Auxílio passou no banheiro em meio aos sonhos, delírios e memórias, mas sua passagem é contada, assim como um relógio de sol, pelo movimento da luz da lua e dos raios solares no ladrilho do banheiro. É certo que foi o tempo suficiente para rememorar uma geração de artistas que se entregaram profundamente à poesia e à vida como experimentação artística. A história de Auxílio, é também sobre a vida dos poetas que naqueles anos retomaram o sonho das vanguardas para levá-lo ao seu limite, daqueles que buscavam dissipar completamente as diferenças entre vida e obra, entre poesia e cotidiano.

A outra epígrafe é um trecho do livro *Viagem Vertical* (2004) de Enrique Vila-Matas. Nele, o espanhol conta a história de Federico Mayol, um homem com mais de 70 anos, empresário bem-sucedido, certo de ter feito de sua vida algo respeitável e venerável. Em um dia qualquer, sua esposa de uma vida inteira o informa querer viver sozinha e pede que ele vá embora de sua vida definitivamente. No princípio, Mayol não acreditou, pensa que ela só poderia estar brincando, pois não havia nenhuma novidade detonadora de tal decisão. Sua esposa simplesmente dizia que gostaria de desfrutar sozinha os poucos anos da vida que ainda lhe restavam.

Mayol ficou desorientado como nunca. Foi seu amigo de bar que lhe disse que a situação convinha uma viagem: «enquanto não lhe ocorrer visitar cidades em que nunca esteve, você continuará vivo» (Vila-Matas, 2004, p. 105). No momento que ouviu o conselho, desconsiderou. Mas esta frase passou a martelar sua cabeça: «convém, convém, convém uma viagem» (Vila-Matas, 2004, p. 105). Foi então que o personagem se decidiu por viajar. Não qualquer viagem, ele passa a querer uma viagem definitiva, para perder-se completamente, uma fuga radical, uma forma de exílio em direção ao nada. Uma forma definitiva de adeus ao conforto do lar. O que me interessa neste livro de Vila-Matas é a entrega completa de Mayol à viagem. O abismo é a sua própria vida no jogo com o inesperado. Sua verticalidade está na apologia ao contingente, ao usar do acaso, dos encontros nas ruas, como um método para romper com tudo que parecia até então imprescindível é necessário. Assim, Mayol se converteria em um perito em despedidas. Optei por este prelúdio, para demonstrar a permanência na literatura contemporânea das questões que serão desenvolvidas neste texto. Gostaria que Vila-Matas e Bolaño funcionassem como convite para a viagem vertical à procura de *los raros*.

Em trabalho recente, intitulado *Félix* (Machado, 2021), desenvolvi uma narrativa a respeito da procura dos rastros do intelectual uruguaio Félix Peyrallo Carbajal, que veio a falecer no Brasil, na cidade de Blumenau em 2005, cercado de muitas histórias e venerado miticamente em diferentes lugares do mundo por onde esteve. Ainda que eu tenha dedicado anos à pesquisa, há muitas dúvidas a respeito do seu percurso de viagem e suas atividades. No entanto, entendo que os pontos de escuridão da biografia fazem parte de sua luminosidade, já que tudo indica que ele recorreu a diferentes formas de ficionalização de sua existência, jogando com a incerteza de seu passado e fazendo do nomadismo uma forma de vida. Neste artigo, pretendo demonstrar que a procura que o levou à sua viagem vertical está associada à busca por *los raros*. Ainda que tenha vivido como intelectual, este uruguaio não se associou de forma estável às instituições acadêmicas ou culturais. Mesmo vivendo como um artista, tudo indica que não publicou sequer uma obra. Em meu entendimento, levou ao limite a possibilidade de viver a vida como obra de arte. Por isso, a forma de retratá-lo é reconhecendo que sua unidade biográfica está no próprio movimento, o que produz uma imagem repleta de zonas borradas.

Possivelmente, a primeira biografia sobre Peyrallo foi escrita pelos agentes da polícia política da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985).² O Sistema Nacional de Informação, conhecido

2 Com apoio civil de setores empresariais e entidades ligadas à classe média, o Brasil viveu uma ditadura militar entre os anos 1964 e 1985. No período, todos os presidentes foram designados pelas forças armadas brasileiras e, especialmente, após o ano de 1968, os direitos civis foram amplamente restritos. Para manutenção do regime de exceção, a ditadura criou e aprimorou os sistemas de vigilância dos cidadãos. SNI, DOPS, DEOPS faziam parte dessa complexa engenharia que implicava a vigilância e censura em colaboração com outras ditaduras Latino-americanas

como SNI, procurou estabilizar a biografia desse raro estrangeiro, buscando vestígios do seu passado, narrando os caminhos percorridos, buscando informações sobre contatos pessoais, descrevendo minuciosamente suas noites e sonhos. Mesmo reconhecendo as dificuldades em encontrar uma unidade nas informações, as atividades de Peyrallo no território brasileiro foram tidas como suspeitas, levando a polícia política a visitar locais por ele frequentados, ouvir atentamente suas palestras e buscar depoimentos que se transformaram em dezenas de páginas datilografadas, lidas e relidas pelos agentes da ditadura.



Figura 1. *Félix* (Machado, 2021)

Em meio à papelada, hoje disponível no Arquivo Nacional do Brasil, encontrei diversas cópias de um documento intitulado *Histórico Político*, provavelmente redigido no ano de 1967. Estruturado com tópicos que lembram um currículo profissional, o documento informa que em 1938, Peyrallo teria se licenciado na Universidade de Madri e se doutorado na Sorbonne em Paris. Em 1965, ele teria sido professor da Universidade Católica de Valparaíso, no Chile, e da Universidade de Itajaí, no Brasil. Consta que teria percorrido vários estados fazendo conferências consideradas subversivas já que inspiradas no pensamento comunista de Karl Marx. Ainda segundo a apuração dos agentes, o uruguaio esteve no norte do país com Dom Helder Câmara e em Minas Gerais, levando mensagens de Fidel Castro, em seguida foi para o sul, mas logo depois retornou ao Nordeste onde teria mantido contato com as Ligas Camponesas (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 26 de abril de 1967, p. 4).

Em outro documento, de 1972, o movimento de Peyrallo continuava sendo acompanhado e registrado minuciosamente. Sua procura por conquistar novos territórios parece tê-lo levado a buscar tutela de religiosos progressistas, fato que garantia abrigo, mas, ao mesmo tempo, levantava maiores suspeitas sobre suas atividades. Naquele ano, o SNI também acompanhava as atividades da Cnbb (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que estava envolvida na organização de eventos relativos à comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil. A Ditadura se preocupava com o conteúdo do documento intitulado “Reflexão”, uma espécie de tomada de posição da igreja contra o governo de exceção. As investigações mostraram que o documento teria sido sugerido por Nelly Allaya, uma uruguaia, tida como profunda conhecedora do Brasil e difusora de ideias consideradas esquerdistas pela polícia política. Ela teria sido responsável por financiar o retorno de Peyrallo ao

e o governo dos Estados Unidos da América. Sobre isso ver: Fico (2001).

Uruguai, quando os eventos de 1964 deixaram claro que haveria restrições na circulação de estrangeiros pelo território brasileiro. Além disso, Allaya o teria apresentado para outro religioso cujos passos estavam sendo vigiados: Dom David Picão (1923-2009), o então Bispo da diocese da cidade de Santos.

Segundo os documentos dos agentes do SNI, o teor das falas do uruguaio não causava surpresa, já que, segundo informações por eles apuradas, o estrangeiro era membro dos Tupamaros, movimento guerrilheiro considerado terrorista pela ditadura brasileira, responsabilizado por ações violentas no Uruguai. Além disso, em janeiro de 1972, acompanhado do Bispo Picão, teria viajado para o Chile com a finalidade de avistar-se com o presidente socialista Salvador Allende, onde se manteria até, pelo menos, agosto daquele ano exercendo a função de assessor de comunicação (Divisão de Segurança e Informação do Ministério dos Transportes, 1 de agosto de 1972).

Ainda que hoje tais informações pareçam pouco verossímeis, os agentes da ditadura recorriam aos repertórios políticos que justificavam a vigilância permanente através da Doutrina de Segurança Nacional, fruto de uma política de exceção. Contraditoriamente, mesmo que desconfiassem do perigo que as atividades do uruguaio poderiam acarretar, não encontraram definições precisas a respeito de suas próprias desconfianças. Minuciosamente vigiado, preso em pelo menos uma ocasião, manteve suas atividades como conferencista e construtor de relógios de sol em diferentes lugares do território nacional.

A documentação demonstra que o seu movimento foi constante, fato que dificultou sua captura: de Valparaíso no Chile a Itajaí em Santa Catarina, de Minas Gerais para o Nordeste, depois saiu do território brasileiro e anos mais tarde reapareceu na região Centro-Oeste, onde suas atividades voltaram a ser investigadas. Peyrallo foi um viajante marcado pela travessia de fronteiras. Como fazia seus percursos por terra, caminhando, de carona, por trem ou de ônibus, precisava ultrapassar as regiões limites dos países. Atravessando regiões de pouca vigilância, subvertia as solicitações burocráticas dos Estados diante da mobilidade dos indivíduos entre os limites. Sua condição de estrangeiro o obrigou a ziguezaguear, avançar e retornar em diferentes momentos para garantir vistos e autorizações de permanência. A dispersão e a ausência de fixidez identitária foram vistas como subversivas pelo regime político autoritário. Para combatê-lo, usava de seu nomadismo como forma política, atravessando territórios e jogando com sua própria unidade biográfica. A Ditadura via algo de perigoso naquele uruguaio. No entanto, ele revelava um perigo que o repertório político dos agentes não parecia ser suficiente de explicar.

No dia 22 de maio de 1967, o delegado de Polícia Eduardo Vaz Paixão se correspondeu com o Tenente Coronel Erasmo Dias. Na carta o delegado observa que o conferencista é uma pessoa de alto gabarito intelectual e «um profundo conhecedor da obra de Rubén Darío, quem pretende imitar enquanto estiver vivo» (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 11 de julho de 1967, p. 15). A associação com o famoso poeta nicaraguense ganhou pouco destaque, já que foi complementada pelo fato de que no sábado que antecedia àquela correspondência, Peyrallo, «em companhia de pessoa não identificada, compareceu à Pensão Carlinho, completamente embriagado, ocasião em que não foi aceito como hóspede pelo proprietário daquele estabelecimento» (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 11 de julho de 1967, p. 15).

Além das investigações nos hotéis, um observador à paisana assistiu à conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico da cidade de Santos. O documento “Comentário à parte” traz um relatório bastante completo sobre a conferência e as opiniões do observador. Segundo este, Peyrallo trajava-se «mendigamente» e discorreu sobre a vida e poemas de Rubén Darío, mas teria «extra-vasado extraordinariamente seus conhecimentos glotológicos, parapsicológicos, paramitológicos e faculdade poética, dando-nos a impressão também de ser um fino doutrinador de ideias e um mito confusionista (sic)» (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 16 de maio de 1967, p. 13). Ainda que seja difícil entender exatamente o que o investigador quis dizer com todos estes improváveis ramos da ciência, ao que parece, pretendeu marcar certa excentricidade e estranheza no conteúdo da conferência.

Desse relato, o mais curioso é a grande ênfase dada pelo observador às relações entre a vida de Rubén Darío e a de Peyrallo:

[sic]

É a vida de Felix Dariodigo (sic), Felix Carbajal, pretende imitar Rubén (grifo meu), sem trabalhar, vivendo encostado a uns e outros, por traz de suas mirabolantes cenas vais pregando uma doutrina suspeita incentivando a mocidade estudantina do mundo a seguir tal doutrina levando-se unidos para completa e total liberdade (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 16 de maio de 1967, p. 13).

O investigador percebeu uma potência muito perigosa naquele discurso que, para ele, ainda se apresentava como algo confuso. Curiosamente, seu ato falho na escrita do relato criou uma simbiose de nomes: *Félix Dario digo, Félix Carbajal*. Talvez esse erro manifeste uma aproximação que o próprio Peyrallo pretendia construir em sua biografia e acabou destacada pela polícia política do período. Segundo o anônimo agente, o uruguaio teria dito na conferência que:

Rubén Darío na Espanha era um vadio e revolucionário fabricando e compondo poemas emocionais e arrepiantes aos cabelos dos braços e quando perseguido pelo governo, estabeleceu-se numa rica mansão na Nicarágua, para posteriormente peregrinar por Uruguai e Buenos Aires, sem trabalhar, mendigando favores, passando fome, para morrer como herói e tornar-se ídolo. Depois o seu corpo fora trasladado para o seu país com honras póstumas (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, 12 de julho de 1967, p. 9).

Estas informações sobre a vida de Rubén Darío manifestam que Peyrallo, além de admirador de sua poesia, provavelmente foi um leitor de seus textos autobiográficos. Ou, mais do que isto, fica implícito que tomou a vida do poeta nicaraguense como referência para sua própria existência. A aproximação entre os dois parece ir além do espectador da conferência, pois há no documento muitas outras referências a este respeito. O mesmo dossiê traz, como anexo, um recorte de uma reportagem que, além de alguns dados biográficos, indica que o uruguaio teria afirmado ser um intelectual que corre o mundo buscando a poesia nas próprias fontes, que seria um dos maiores conhecedores vivos da obra de Rubén Darío e teria visitado os locais onde este viveu e trabalhou (Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Felix Carbajal falará de Ruben Dario, p. 12).

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 139

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso **FELIX PEYRALLO CARBAJAL. - - -**

Admitido em território nacional em caráter **Temporario.** (temporario ou permanente)

Nos termos do art. **7** letra **A** do dec. n. **7.967**, de 1945

Lugar e data de nascimento **Montevideu, 23 Setembro/1913.**

Nacionalidade **Uruguaia** Estado civil **Solteiro.**

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Felix Peyrallo e Rosa Carbajal de Peyrallo. - -** Profissão **Prof. de Literat.**

Residência no país de origem **Colonia esquina Rio Negro-Mdeu.**

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **25.270** expedido pelas autoridades de **Consulado Uruguaio em Santiago (Chile)** na data **27 de dezembro de 1954.** **Privativo** do Brasil em **M E L O - Uruguaio** visado sob n. **47 (Quarenta e sete).**

ASSINATURA DO PORTADOR: **Felix Peyrallo Carbajal** **28 de novembro de 1957.** O CONSUL: *[Assinatura]*

SEI
COI

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Figura 2. 28.11.1957. Félix Peyrallo Carbajal. Cartão de Imigração, Uruguay - Brasil.

Félix Rubén García Sarmiento, Rubén Darío

Nascido na cidade de Metapa (hoje cidade Darío) na Nicarágua em 1867, Félix Rubén García Sarmiento, ao lançar-se na carreira como escritor, passou a assinar usando o pseudônimo de Rubén Darío. Com este nome tornou-se referência exemplar e inaugural da literatura moderna na América de língua espanhola. O prestígio como poeta, somado à fama de homem sedutor, socialmente exitoso, fascinado pelos paraísos artificiais e pelas mulheres, fez dele um grande viajante. Esteve durante a maior parcela de sua vida em permanente deslocamento e foi nesta condição que produziu suas obras mais expressivas. Teve ampla produção literária e jornalística e recorreu a uma escrita autobiográfica em distintos momentos. Foi por meio desta escrita que estabeleceu relações normativas entre sua existência e sua produção artística.

Ainda em vida, foi celebrado como introdutor do Modernismo na América Latina. Inovou pelo seu cosmopolitismo extremo, de modo que sua vida e obra estão ligadas com a constituição de uma cultura letrada e seus trânsitos entre a América e a Europa (Montaldo, 2013). Félix García Sarmiento inventou Rubén Darío no silêncio das bibliotecas enquanto ganhava intimidade com os parnasianos e simbolistas franceses e estudava com afinco os clássicos gregos; depois, sob a eloquência e o barulho dos telégrafos e máquinas de escrever das redações nos jornais, manteve-se interessado nos pequenos acontecimentos e nas grandes mudanças de seu tempo. Por intermédio de seus textos na imprensa, especialmente no *La Nación* da Argentina, pôde fazer uma eventualização do cotidiano, ao mesmo tempo que promovia sua obra poética e a literatura daqueles que admirava. Inventou-se em seu deslocamento pelas novas estradas de ferro e rotas de navios a vapor, buscando pontos de luz com maior intensidade, o brilho da aventura artística e política da virada do século XIX. Em cidades como Buenos Aires, Madri, Nova Iorque e Paris, as capitais da vida moderna, o poeta formou uma rede de sociabilidade através da circulação em instituições culturais (ateneus, círculos literários) e encontros boêmios em cafés e bares. Relações estas que seriam mantidas por uma intermitente escrita epistolar que o conectava com outros autores, críticos, editores e leitores (Guiraldo, 1943). Além disso, sua modernidade se expressava em seus textos através de uma atitude reflexiva sobre o moderno, principalmente, a respeito do lugar ocupado pelo artista na sociedade. Em um mundo marcado pelo positivismo e pelo materialismo, o nicaraguense fez de seu caminho uma celebração, por vezes, quase religiosa, da arte e do artista como aquele capaz de dar sentido à existência.

Um artista como ele é resultado de um mundo em que a cultura gráfica dos periódicos e a escrita puderam circular pelo mercado cultural e pelas correspondências através da afirmação de uma nova sociedade marcada pela palavra e pela narrativa noticiosa do cotidiano. O livro, o periódico e a caneta foram os dispositivos capazes de criar esse mundo de literaturização da própria vida. Assim, emergiram lugares de exaltação da arte através da promoção de um estilo de vida que se constituía em uma comunidade cosmopolita das letras.

Rubén Darío, segundo ele mesmo (1991), cresceu sem ter clareza a respeito do destino de seus pais. Criado por um tio-avô, conhecia seu pai biológico, mas o tinha somente como um tio, um ente familiar, sem maiores ligações afetivas. Em sua autobiografia, descreve o estranho encontro, quando jovem, com sua mãe biológica, uma mulher chamada Rosa Sarmiento –que desapareceu no mundo, sem manter contato com o filho–. Apesar disso, desde cedo passou a ser visto como menino prodígio, pois já aos três anos sabia ler.

Assim como as leituras, as viagens ganharam centralidade em sua vida, já que ainda jovem buscava se afastar do provincianismo à procura de paisagens da cultura. Poeta púbere, aos 14 anos publicou seus primeiros textos na imprensa nicaraguense. Seu reconhecimento logo o levou para Manágua e León, de onde partiria para uma vida-viagem cujo retorno definitivo só se daria pouco antes de sua morte, na cidade de León, em 1916. Viajou por grande parte da América Central e Caribe (Cuba, Panamá, Costa Rica, Guatemala, El Salvador) e visitou por três vezes Nova Iorque. Por dois anos morou no Chile onde, em 1888, publicou *Azul...* (Darío, 2010) e ganharia prestígio para viver por cinco anos em Buenos Aires como correspondente do jornal *La Nación*. Da Argentina pôde conhecer o Uruguai de Lautréamont e de seu amigo Amado Nervo. Visitou Lima no Peru e no Brasil esteve duas vezes, sendo marcante sua participação na delegação nicaraguense durante a Conferência Pan-Americana de 1906. Sua atividade como correspondente do *La Nación* abriu caminho para viajar para Paris e se fazer presente na Exposição Universal de 1900, experiência que depois se

transformaria no livro *Peregrinaciones* (1901). Também morou na cidade de Madri onde sua cobertura das consequências da guerra hispano-americana de 1898 se transformou no livro *España Contemporánea* (1901). Sua residência europeia permitiu traçar seu texto sobre o mapa do continente: Londres, Viena, Budapeste e Roma (cidade que visitou várias vezes); também esteve na Áustria e Hungria. Da Europa viajou ao norte da África, onde escreveu a respeito de Marrocos. Dos encontros, paisagens, espetáculos, dos entusiasmos com o que havia de moderno e o pessimismo frente às multidões dos turistas, transformou em crônicas suas percepções e sentimentos daquilo que viveu.

Em diferentes momentos, o poeta recorreu à escrita autobiográfica, mas foi especialmente nos livros *La vida de Rubén Darío escrita por él mismo* (1913) e *Historia de mis libros* (1916) que explicitou sua visão de uma vida entregue a um desregramento artístico e existencial. Neles apresenta a literatura como sentido para o movimento no território e, através dela, dá visibilidade a elementos externos, próprios de uma existência literária.

Por isso, o interesse de Rubén Darío pela biografia dos artistas que amava: aqueles que fizeram da própria vida uma obra, aqueles que se entregaram à literatura, mesmo que para isso tivessem que caminhar à beira do abismo. Ele chamava de *los raros* a artistas como Edgar Allan Poe, Ibsen, Leconte de Lisle, Paul Verlaine e Conde de Lautréamont, e sob esse título publicou em 1896 um livro de ensaios biográficos em que retratava sua relação de amizade –ou mediada pelas leituras– com esses artistas. Recorrendo à escrita biográfica, apresenta 19 artistas como exemplos de criadores inconfundíveis, anormais para a sociedade burguesa e utilitarista. A primeira edição de *Los raros* (Darío, 1920) foi publicada em Buenos Aires e teve grande repercussão em toda a região do Rio da Prata, consagrando-o como intelectual modernista e transformando o livro em um guia para a nova estética da juventude hispano-americana. Havia neles uma sacralização do profano, uma rebeldia social, um novo lugar para artistas que flertavam com a loucura, com uma vida ao mesmo tempo degenerada e aristocrática, apaixonados pela beleza, odiando o vulgar, o medíocre e desdenhando triunfos fáceis (Arellano, 1998, pp. 35-55).

Os ensaios biográficos de *Los raros* retratam uma vida sedutora que emergia nas cidades modernas no final do século XIX, recorrendo à narrativa da vida boêmia em suas extravagâncias (esbanjamento, pobreza, morbidade, paixão desenfreada); aos símbolos da boemia (juventude, ousadia, transgressão, morte solitária), às suas práticas (consumo do café, o álcool, vida noturna) e em seus espaços (bares, cafeterias, círculos literários e nas cidades modernas em meio às multidões) (Darío, 1920).

Mas a procura pela raridade já se fazia presente em sua obra juvenil *Azul...*, publicado quando tinha somente 21 anos (Darío, 2010). Trata-se de um livro composto por pequenos contos, poemas em prosa e verso, que foi exaltado como um marco do modernismo americano justamente por se apropriar de forma original da tradição francesa, parnasiana e simbolista, colocando-a em circulação no continente americano. *Azul...* é marcado pela preocupação em discutir o ser artista e os caminhos necessários para sê-lo. O poeta, sinônimo de artista, aparece como narrador ou personagem central em dez dos treze textos do livro, gesto que ilustra sua vontade de inscrição do artista como centro do mundo poético. As histórias deste livro constroem uma concepção autônoma da arte, em que o poeta é ao mesmo tempo um ser iluminado e pária da sociedade. Rubén Darío conta nele a fábula de um sátiro surdo que não ouve a beleza da poesia de Orfeu; de gnomos que desconhecem a história feita de sangue do verdadeiro rubi; de um rei burguês que vive em um palácio repleto de obras de arte, mas não reconhece o poeta maltrapilho; da ninfa que não crê na existência de sátiros e centauros; de uma menina que ganha luz em seus olhos somente após o encontro com um fauno; de um poeta boêmio que se suicida para libertar o pássaro azul que vive em sua cabeça e do poeta que transforma imagens em textos.

Félix Peyrallo Carbajal

Segundo os documentos do Registro Civil uruguaio, Félix Peyrallo Carbajal, nasceu no dia 23 de setembro de 1913³ na cidade de Montevideú, filho de América Carbajal de Peyrallo (1882-1921)

3 A data de nascimento de Peyrallo foi durante muito tempo controversa. Há diversos documentos que informam que ele teria nascido ano de 1905, de modo que em 2005 chegou a ser comemorado o seu centenário, e até mesmo sua lápide no cemitério de Lages (SC) no Brasil indica este ano. No entanto, os documentos do SNI, assim como seu registro no Registro Civil encontrado na cidade de Montevideú indicam o ano de 1913 como sua data de nascimento.

e de Félix Peyrallo (1882-1933),⁴ irmão de Isis América Peyrallo⁵ e Félix Orlando Peyrallo (provavelmente falecido ainda criança). A morte prematura de sua mãe deixou o jovem Peyrallo sob tutela do pai, um prestigiado músico e teósofo, diretor de coral e membro do *Centro Enciclopédico*. Em 1933, com o falecimento do pai, após receber a herança familiar, teria partido para Espanha em busca de formação intelectual e artística.

Mas como grande parte de sua vida, mesmo dados biográficos elementares carregam ainda muitas dúvidas. Em diversas entrevistas, Peyrallo informa que seria filho único, nascido no ano de 1905 e sua mãe, falecida no parto, se chamaria Rosa Carbajal –mesmo nome da mãe de Rubén Darío, uma coincidência no mínimo curiosa já que na certidão de nascimento e outros documentos indicam o nome de sua mãe como América Carbajal de Peyrallo.⁶ Essa inconsistência já seria relevante suficiente para associarmos à profunda ficcionalização da existência, como também a vinculação direta a referências da biografia do poeta nicaraguense. Mas, para minha surpresa, ao fichar detalhadamente os documentos, o desafio biográfico se complexificou ainda mais.

Seu percurso de vida também se revela contraditório. Em diferentes documentos é comum encontrar o seguinte itinerário: juventude em Madri onde teria se formado em Letras na Universidade Complutense e convivido intensamente com artistas da vanguarda espanhola como García Lorca, Salvador Dalí e Pedro Garfias. Depois, teria concluído Doutorado em História na Sorbonne, em Paris, mas a guerra teria forçado sua migração para os EUA, onde estudaria História das Ciências em Stanford. Mais tarde, com o encerramento de sua herança, se deslocaria para o México e passaria a dar conferências, viajando em direção ao sul do continente americano.

No entanto, há registros de conferências suas na Costa Rica e outras passagens pela América Central ainda nos anos de 1940. Além disso, em reportagens em jornais mexicanos nesse período, ele informa um itinerário formativo completamente outro: teria estudado na Universidade de Montevideú, onde também se tornaria professor, cuja carreira teria abandonado para ser conferencista itinerante pela América Latina.

Em 1949, de passagem por Cuba, Peyrallo tomou contato com o livro *Al sur de mi garganta* (1949) e seguiu até a cidade Matanzas à procura da autora do livro, a então jovem poeta, Carilda Oliver Labra (1922-2018). Logo que a conhece, declara seu amor à poesia e à poeta matanceira, mas ao causar distúrbios na cidade acaba abandonando Cuba, mantendo com ela um pacto epistolar por décadas. Tudo indica que em seguida esteve na Nicarágua onde aprendeu a construir quadrantes solares, atividade que passa a realizar complementarmente às conferências. Depois, vive no sul do

4 Félix Peyrallo, pai, nasceu em Montevideú em 18 de maio de 1882 e foi um destacado músico uruguaio. Atuante na vida intelectual de sua época, foi aluno de Luis Sambucetti (1880 - 1926), dirigiu distintas sociedades musicais e publicou com frequência em revistas literárias e filosóficas. Seus interesses giravam em torno ao ensino musical, literatura e filosofia e, sobretudo, teosofia. Filho de Vicente Peyrallo e Magdalena Costa, Félix foi casado com América Carbajal de Peyrallo e viveram em Montevideú na rua Defensa n.º 1678. Após o falecimento de sua primeira esposa, casou-se novamente com Dora Bogarin com quem viveu seus últimos anos. Faleceu em 8 de abril de 1933 e foi velado na sede da *Sociedad Orquestral del Uruguay*.

5 Isis América Peyrallo (1912-2000), nasceu em Montevideú no dia 05 de fevereiro, seu nome provavelmente foi dado em homenagem ao famoso livro de Helena Blavatsky –Ísis sem véu–, admirado pelo seu pai. Após o casamento com o jornalista argentino Oscar Bárcena Echeveste, passou a ser conhecida como Isis Bárcena Echeveste e radicou-se na cidade de Assunção no Paraguai onde realizaria sua carreira musical. Entre 1948 e 1955 atuou como pianista e diretora de cena do *Gran Ballet Latinoamericano* com o bailarino Joaquín Pérez Fernandez, percorrendo diversos países da Europa, América do Sul e Norte da África. Entre 1960 e 1984 foi diretora do coro do *Ateneo Paraguayo*, participando em festivais em Valparaíso (1965) e Mar del Plata (1975).

6 Segundo consta na certidão de nascimento: «Félix Peyrallo de treinta y un años de edad, de estado casado, de nacionalidad oriental de profesión músico y vecino de esta sección declara que en día veinte y tres del mes de setiembre a las nueve de la mañana nació una criatura del sexo masculino que es hijo legítimo del declarante y su esposa América Carbajal, oriental de veinte y cuatro años (...) y que a la expresada criatura se le ha puesto el nombre de Félix». CERTIDÃO DE NASCIMENTO. 30 de setembro de 1913. Peyrallo, Félix. Montevideú. Registro Civil de Montevideú. Em outros documentos oficiais e jornalísticos, voltaria a aparecer o nome de sua mãe como Rosa. Aliás, é recorrente encontrar em reportagens o fato de que sua mãe teria falecido durante o parto no nascimento de Félix, ainda que a data mais provável do óbito seja somente 1921, quando Félix completou oito anos de idade. Segundo consta na documentação, América Carbajal faleceu aos 28 anos de congestão pulmonar crônica no dia 30 de julho de 1921, deixando sob tutela de seu esposo Félix Peyrallo seus dois filhos legítimos, Félix e Isis. Também informa que América era filha de Alfredo Carbajal e María Bonnafos de Carbajal. SUCESSÃO de América Carbajal de Peyrallo. Livro 25. Folha 432. N. 1169. Montevideú. 17 de agosto de 1922. Justiça Civil

continente americano, especialmente no território brasileiro, sendo conhecido como gnomonista, construindo dezenas de relógios de sol, em diferentes cidades brasileiras. Após os anos 2000, passou a residir com alguma regularidade em um lar de idosos na cidade de Blumenau (SC), onde faleceu no dia 03 de agosto de 2005.

Hoje, grande parte do que se sabe sobre Peyrallo deve-se a sua intensa troca epistolar com a poeta cubana Carilda Oliver Labra, objeto de meus estudos em outra publicação (Machado, 2021). Aqui, neste artigo, interessa destacar que em meio a uma escrita epistolar fragmentada, marcada pela dispersão, solidão e encantamento amoroso, ele demonstra grande entusiasmo pelo livro *Azul...*

Tudo indica que as leituras que realizou o levaram ao constante deslocamento pelo mundo, tomando o nicaraguense como caminho em direção a uma constelação de artistas raros que influenciaram sua forma de existência. Peyrallo ocupou o lugar do poeta incompreendido, estranho, transgressor, apaixonado à procura de encantamento poético. Mas, apesar da radicalidade de sua dispersão, o uruguaio não estava alheio aos espaços culturais e às redes de sociabilidade intelectual. Necessitava promover encontros para esmerar seu repertório e garantir a manutenção de suas conferências. Em Santiago do Chile foi direto a Valparaíso, a cidade de *Azul...*

Se acabaron las caminatas mi Carilda. Sobre ruedas llegué a Santiago, bebí un café, y sobre ruedas al mar. Hace tres horas que ando. Pasé por una exposición de acuarelas. Revisé dos librerías. Mañana iré a la casa - las casas - que habitó Rubén. Y a nadar, y a comer pescado. Carilda = te quiero. Saludos para tu tribu (Peyrallo, F., 19??, Carta sem informação 02).

Peyrallo pretendia encontrar as casas onde Rubén Darío viveu em Valparaíso. Anteriormente, em 1941, havia estado na Nicarágua em busca dos lugares investidos de sua memória. Curiosamente a passagem por esse país não é acionada por nenhum poema ou evento da vida do poeta, mas por um *affair* com a educadora feminista Josefa Toledo de Aguerri, conhecida como Dona Chepita:⁷

La besé a doña Chepita. Doña Chepita ¿70? en Managua. Estábamos con Santiago. Qué cosas - hablé de Bécquer = Tres fechas = éxito - lo recuerdo bien. Mi primera visita a Nicaragua ¿1941? Doña Chepita ya era una reliquia que dirigía la Escuela Normal. (Peyrallo, F., 17 de janeiro de 1953).

Peyrallo buscava manter sua rede de relacionamentos com intelectuais e artistas. A cada região que chegava, precisava encontrar seu lugar como intelectual viajante no espaço criado por artistas modernistas. Desde então, não somente nos textos como aqueles de *Azul...* em que o artista-peregrino, o poeta-marginal, eram possíveis de serem vividos. Ele precisou tecer e retecer uma rede de contatos ligados à cultura letrada buscando estabelecer vínculos com escritores, artistas, professores, políticos que tivessem interesse em seu repertório, já que era preciso encontrar aqueles que o admirassem e que fossem seduzidos pelo personagem que vivia. A cada cidade procurou os lugares onde os boêmios se encontravam, estabelecendo relações e articulando possíveis conferências. Encharcava-se com a estética do intelectual marginal, solitário, por vezes incompreendido, que estava marcado no seu próprio corpo, na sua fome, na sua forma de vestir e até de falar. Essas redes foram sendo construídas passo a passo, reaproveitando o passado, a memória dos seus encontros, os registros de suas atividades. Enquanto Rubén Darío fez uso das transformações modernas no campo da arte para ficcionalizar/literaturalizar sua própria vida, Peyrallo optou por fazer de sua vida obra, tornando-se personagem de si mesmo. Buscou viver como o Orfeu diante do Sátiro surdo ou como o poeta peregrino diante do Rei burguês narrado pelo nicaraguense. Levou a ficção ao limite e inverteu as regras daquilo que a experiência moderna da literatura produziu.

Em uma carta de 1952 enviada para Cuba desde a cidade argentina de Córdoba, Peyrallo manifesta seu amor por *Azul...*, amor pelo seu autor e a relação da obra com o Chile e Buenos Aires.

7 Doña Chepita, como era conhecida Josefa Toledo de Aguerri (1866-1962), foi uma prestigiada educadora e precursora do feminismo na Nicarágua. Criadora e colaboradora de revistas feministas como *Revista Femenina Ilustrada* (1918-1920) e *Mujer Nicaraguense* (1929-1930), também foi autora de dezenas de livros de ensaios, narrativas de viagens, temas pedagógicos e feminismo. Declarava ser Cervantes e Rubén Darío, respectivamente, seu prosista e poeta predileto. A historiadora Victoria Gonzáles-Rivera desenvolveu estudos a respeito da trajetória de D. Chepita. Ver: González-Rivera, 2005.

Parecia exaltado por se dar ao luxo de reler o livro no vale paradisíaco que para ele trazia à tona a vida do jovem poeta no Chile e de suas noites de boemia no México com o poeta Pedro Garfias.

Chile, mi Chile querido ¿Que pasará? ¿Qué fecha es hoy? Chile, Chile maravilloso! Qué bueno es vivir, Carilda. (...) Rubén en Valparaíso. ¿Te dije alguna vez que adoro a Rubén? Tenía 20 años cuando llegó a Valparaíso. Valle paradisíaco. Relee Azul... Carilda, Reléelo. Yo, tu Félix, me voy a dar el lujo de releer Azul... en el propio Valparaíso.

(...). Yo sé mucho de Rubén, casi todo, Carilda. A Pedro le gustaba, cuando estaba borracho ya, oírme hablar de Rubén. Porque Azul... no es [incomprensível]; es porteño. Daré una conferencia en Valparaíso. Tema = Azul... es obra porteña (Peyrallo, F., 7 de fevereiro de 1952).

Em seguida, enumera de forma desordenada seus conhecimentos sobre o poeta nicaraguense. Peyrallo parece querer provar sua proximidade com ele e orgulhoso de sua memória, estabelece as relações da poesia de Rubén Darío com Eduardo Poirier (1860-1924), Paul Groussac (1848-1929) e Pablo Neruda (1904-1973):

Emelina no es Rubén, es Poirier El Canto Épico a las Gloriosas de Chile es dinero de Varela. Las rimas y contrarimas de Rubén Darío y Rubén Rubí es Los Colores del Estandarte, Paul Groussac (grifo meu). Azul... es Valparaíso. - qué barbaridad, Carilda, mi memoria = me acuerdo de todo = podría ahora, en este momento, hablar horas de Rubén en Valparaíso. Pero para hablar eso todo mi gesto de Rubén llegando, de Rubén mestre. ¿Sabes que Pablo adora a Rubén? Aún no conoces - creo - a Pablo. Es serio de miedo (Peyrallo, F., 7 de fevereiro de 1952).

Nesse trecho Peyrallo chega a fazer uma consideração a respeito da obra de Rubén Darío. Sugere que Carilda Oliver Labra deveria desconsiderar *El canto épico a las gloriosas del Chile*; em oposição, deveria valorizar as rimas e contrarimas de *Azul...*, “Colores del estandarte” e “El rubí”. “El canto épico” trata-se de um premiado poema do concurso promovido pelo empresário Federico Varela (1826-1908) em que Darío exalta o combate naval de Iquique, dedicado ao presidente do Chile, Manuel Balmaceda (1840-1891). Como não poderia ser diferente, é um poema laudatório, exaltando glórias dos militares chilenos. Além disso, Peyrallo se refere à novela *Emelina* (1887), escrita em parceria com Eduardo Poirier também para concorrer a concurso. Trata-se de um texto muito criticado, por ser muito convencional e, às vezes, até ingênuo. Em defesa de Rubén Darío, informa para Carilda Oliver Labra: *Emelina* é Poirier. Ou seja, *Emelina* não deve ser considerada como parte da obra de Rubén Darío.

Através dessas posições, Peyrallo apresenta certa profundidade no estudo do poeta nicaraguense. Essas considerações, juntamente com aquelas que informam sua busca pelos lugares onde viveu no Chile e na Nicarágua, confirmam a reportagem anexada no dossiê produzido pela polícia política brasileira: o uruguaio nômade investiu suas forças para promover o encontro com a vida e a obra do poeta que amava.

Ainda nesse mesmo excerto da carta, Peyrallo associa o nome do poeta a uma joia rara: *Rubén Rubí*. Mas *Rubí* também é o título de um conto de *Azul...* bastante conhecido. Nele, Rubén Darío narra uma história a respeito do nascimento de uma pedra preciosa, o rubi. Segundo o conto, num palácio esplendoroso e subterrâneo recheado de ouro e pedras raras, habitavam gnomos, artífices da pedraria e de joias. Até que um gnomo, chamado Puck, trouxe a notícia de que um sábio de Paris foi capaz de elaborar um rubi artificial. Como amostragem, ele teria roubado uma joia de uma dama e mostra diante dos outros gnomos. Estes, ao observarem a joia artificial, passam a desprezá-la. Diante da situação, o gnomo mais velho passa a narrar a história de como surgiram os rubis. Segundo ele, há muito tempo, quando gnomos se envolveram em uma grande greve, estava entre eles o gnomo narrador que quando jovem descobriu a superfície da terra onde tudo era alegria, vigor e primavera. Lá avistou um grupo de mulheres e se encantou profundamente pelo seu frescor e beleza. Então raptou uma linda donzela, levou para as profundezas e a converteu em sua amante. Na gruta sua cativa vivia como uma deusa, rodeada de luxo e ouro. No entanto, ela amava um homem da superfície e desde as profundezas da terra lhe enviava seus suspiros para que ele pudesse ouvi-la.

Certo dia, o gnomo dormiu após horas de trabalho escavando na rocha. Só despertou com os gritos de sua amada que tentara fugir através de um buraco aberto, mas, infelizmente, acabou

destroçada entre as pedras. Seu corpo foi completamente mutilado e seu sangue acabou inundando completamente o recinto, de modo que as rochas de diamante que estavam expostas se fizeram vermelhas. A mulher morreu nos braços de seu raptor e os diamantes se transformaram em rubi. Após ouvirem a história do velho gnomo, os outros passaram a desprezar ainda mais o rubi artificial fruto do trabalho do artesão humano. No final da narrativa, Puck em seu murmúrio expressava a relação entre a terra e a mulher:

¡Porque tú! ¡Oh madre Tierra! Eres grande, fecunda de seno inextinguible y sacro, y de tu vientre moreno brota la savia de todos troncos robustos, y el oro y el agua diamantina y la casta flor de lis. ¡Lo puro, lo fuere, lo infalsificable! ¡Y tú, Mujer, eres espíritu y carne, toda amor! (Darío, 2010, p. 81).

Em “El Rubí”, esse pequeno conto de rubis, mulheres cativas e gnomos, Darío expressa dois elementos importantes, não somente para a poética, como também a sua vida: o culto ao raro e à mulher. Assim como no conto, os artistas de *Azul...* são como sacerdotes, cujo sentido da narrativa está em demonstrar os objetos de sua obsessão. Os artistas, antes de mais nada, são obcecados pelo seu objeto de desejo, que ao final sempre estão alicerçados em uma forma particular de enxergar a beleza e a vida. Para buscar esses objetos, é capaz de fazer qualquer loucura, viver uma vida abnegada e até mesmo chegar ao suicídio. Nas histórias, a mulher está presente como um objeto estético. Assim como o gnomo, em outras histórias aparece a adoração da beleza ou de determinados elementos da personalidade feminina. A mulher é joia, é objeto de adoração e, às vezes, como no caso de Orfeu (ao ser expulso da floresta), de salvação.

Também os artistas de *Azul...* estão em busca de seu objeto raro ou eles mesmos representam essa raridade. Em um mundo que iniciava experimentar a vida em meios às metrópoles, em que a multidão e a massificação começavam a se impor, a busca por encontrar o raro se transforma em agenciamento poético. Assim como no título do livro de Rubén Darío, a raridade era um elemento a ser encontrado, conquistado, implicando a educação de uma forma de ver o mundo. Aos artistas restava viver uma vida de adoração, como uma religião pagã: um autor, um mestre, uma mulher, uma pedra preciosa, determinada sensibilidade ou dom estético (García, 1995).

Foi dessa obsessão do artista moderno que viveu Peyrallo. Sua vida só pode ser interpretada se lermos as histórias dos poetas-peregrinos de Rubén Darío como a expressão de uma concepção de arte que transformou em seu objeto de obsessão. O poeta nicaraguense foi um dos raros de Peyrallo e, ao mesmo tempo, um dos deflagradores da busca pela raridade no mundo. O amor por Carilda Oliver Labra era verdadeiro, mas era da mesma natureza que a busca anacrônica por encontrar Rubén Darío – um amor necessário para viver seu próprio personagem. Manter seu objeto de obsessão distante poderia ser a possibilidade de ser livre: «estoy enamorado de vos como es bueno estar. Soy rico, libre, sano, bueno me gusta la poesía, aún no he pensado en la forma y destino de mi alma» (Peyrallo, F., 19??. [Carta para Carilda Oliver Labra], carta sem Informação n.º 09).

Em uma carta enviada do Brasil, exalta o fato de amar aquilo que ignora: «Carilda – la tierra de aquí, este mantel, estos 2000 cruzeiros, esta maravillosa vida de estar contigo con lo que ignoro de vos y que nunca sabré» (Peyrallo, F., 19??. [Carta para Carilda Oliver Labra], carta sem Informação n.º 09). Em algum momento, ao enviar uma carta confusa, carregada de sentimentos conflitantes, parece tomar consciência disso, da necessidade da poeta cubana para garantir sua própria vida poética: «necesito creer que estoy enamorado de ti, viajando yo. ¿Qué puedo esperar de ti, y qué me importa?» (Peyrallo, F., 6 de setembro de 1952).

Por último, ainda gostaria de voltar às referências de *Los colores del estandarte* e de Paul Groussac no trecho da carta em que Peyrallo se remete à obra de Rubén Darío. Nascido na França, Groussac foi um importante crítico literário e diretor da Biblioteca Nacional Argentina, editor da revista *La Biblioteca* (mais tarde, sucedido por Borges). Foi nesta revista que publicou um artigo crítico a Rubén Darío, em especial ao livro *Los raros*, acusando-o de confundir os movimentos artísticos e de exagerado afrancesamento de sua obra literária.

Groussac afirma que Rubén Darío teria feito uma má imitação, que o livro só poderia ter sido fruto do contingente já que mistura autores de diversos níveis, desordenando o campo e invertendo hierarquias. Segundo Beatriz Colombi, «por eso Groussac le asigna operaciones de lo pseudo, de lo

falso, paradigma que hábilmente disseminado se condensa em la palabra más injuriosa de la reseña: raté» (Colombi, 2004, p. 23). Rubén Darío, em resposta, publicou em 1896, também no *La Nación*, um longo artigo intitulado “Los colores del estandarte”. Mais do que uma mera polêmica intelectual, este artigo tonou-se importante porque a partir da contenda, o nicaraguense expressou com clareza seus posicionamentos em relação à poesia moderna e suas implicações para a vida.

En verdad, vivo de poesía. Mi ilusión tuvo una magnificencia salomónica. Amo la hermosura, el poder, la gracia, el dinero, el lujo, los besos y la música. No soy más que un hombre de arte. No sirvo para otra cosa. Creo en Dios, me atrae el misterio; me abisman el ensueño y la muerte; he leído muchos filósofos y no sé una palabra de filosofía. Tengo, sí, un epicureísmo a mi manera: gocen todo lo posible el alma y el cuerpo sobre la tierra, y hágase lo posible por seguir gozando en la otra vida (Darío, 27 de novembro de 1896, não paginado).

Em resposta direta a Groussac, reconhece a influência da literatura francesa –seu galicismo mental– sobre sua obra e afirma que a evolução da poesia em língua castelhana só foi possível diante do sincretismo americano. Para ele «España está amurallada de tradición, cercada y erizada de españolismo» (Darío, 27 de novembro de 1896, não paginado). Via-se como moderno e isto implicava na crítica a escolas literárias e identificações fáceis, feitas por Groussac, dos artistas que lhe interessavam no período. Nem parnasianos, nem simbolistas, nem decadentes, nem naturalistas, o que dizia lhe interessar eram a poesia e a vida e, por isso, não se importava em imitá-los: «¿A quién podré imitar para ser original?» (Darío, 27 de novembro de 1896, não paginado).

Para Rubén Darío, os *raros* não devem ser vistos simplesmente como modelo. Afinal, *raro* é o contrário do normal e o que importa para ele é a busca absoluta pela beleza, seja ela clara, simbólica ou ocultista. Respondia a Groussac mostrando que seu interesse não era simplesmente em estabelecer hierarquia entre os poetas, mas que a modernidade estava na promoção da centralidade do artista no mundo poético. Dessa maneira, os artistas biografados em *Los raros* estão atravessados pela mesma raridade dos seres míticos que compunham *Azul*...

Si soy verleniano no puedo ser moreísta, o mallarmista, pues son maneras distintas (...) Los raros son presentaciones de diversos tipos, inconfundibles, anormales; un hierofante olímpico, o un endemoniado, o un monstruo, o simplemente un escritor que, como D’Esparbés, da una nota sobresaliente y original (Darío, 27 de novembro de 1896, não paginado).

Peyrallo fez dos *raros* também sua leitura e modelo de existência. Muitas de suas referências intelectuais expressadas em suas correspondências são as mesmas que vinculava a sua própria obra e biografia. Em diversas cartas, retoma a poesia destes artistas, sobretudo aqueles intelectuais do final do século XIX que ressoavam a partir de Paris. Se em resposta a Groussac, Rubén Darío assumia seu galicismo e sua dívida à literatura francesa moderna, de forma semelhante, numa entrevista nos últimos meses de sua vida, Peyrallo definia o francês como sua única pátria:

Não compreendo o que significa a palavra pátria. Me considero um ser humano mamífero superior e que assim como nasci em um território com tal latitude e tal longitude, poderia haver nascido em outro território com outra latitude e com outra longitude. Isso de ser argentino, uruguaio ou brasileiro para mim é uma estupidez. Uma estupidez filosófica. Um homem como Fernando Pessoa pode dizer «minha pátria é a língua portuguesa». Eu diria um pouco que a minha pátria é a língua francesa, pois é a que mais me agrada, não porque eu tenha nascido na França. Mas a língua da qual me sinto mais próximo é o francês⁸ (Peyrallo, F., 2005).

Ao uruguaio, mais que uma obra, interessava-lhe uma nova atitude diante da vida. Se apropriou de *los raros* como possibilidade de viver uma vida trágica, marcada pela potência do falso, pela dispersão, fragmentação e permanente deslocamento. O encontro entre Peyrallo e Rubén Darío, ainda que anacrônico, foi possível pela procura de *los raros* como ponto de luminosidade poética e

8 Entrevista concedida a Claribel Terré Morell. Quando ocorreu essa entrevista Félix já havia vivido muitos anos no Brasil e por isso, mesclava em sua fala expressões em português e espanhol. Diante da necessidade de dar unidade, optei por manter a transcrição completamente em português, traduzindo as palavras ditas em espanhol.

existencial. Levou sua vida atravessando os espaços criados por artistas como Rubén Darío, já que foram eles os responsáveis por colocar o artista como personagem central da poesia, aquele capaz de aprender a ver o mundo para além de suas aparências. Foi essa a visão que permitiu a criação de um espaço fora do comum para o artista moderno, construindo uma autoridade para seu discurso e lugares institucionais para sua fala. A obra de Rubén Darío foi importante para Peyrallo porque é atravessada por estas conexões entre a literatura e a vida que acabaram produzindo aquilo que entendo não só como uma nova poética, mas como uma estética da existência completamente nova. Esse encontro, mediado pela procura e pela viagem, parece ajudar a entender aqueles “poemas arrepiantes dos cabelos dos braços” anotados pelo agente à paisana que não suspeitou ver Peyrallo como parte da obscura constelação de *Los raros*.



Figura 3. 5.03.2021. Ricardo Machado no Cemitério Nossa Senhora da Penha junto o túmulo de Félix Peyrallo Carbajal. Foto: Toninho Vieira. Cultura, Prefeitura de Lages

Referências bibliográficas

- Arellano, J. E. (1998). “Los raros: contexto histórico y coherencia interna”. In: García Morales (Ed.), *Rubén Darío. Estudios en el centenario de “Los raros” y “Prosas profanas”*. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1998, pp. 49-50.
- Bolaño, R. (2006). *Amuleto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Colombi, B. (2004). En torno a *Los raros*: Rubén Darío y su campaña intelectual en Buenos Aires. In: S. Zaneti (Coord.), *Las crónicas de Rubén Darío en La Nación de Buenos Aires (1893-1916)* (p. 61). Buenos Aires: Eudeba, p. 61.
- Darío, R. (27 de novembro de 1896). Los Colores del Estandarte. *La Nación*, Buenos Aires, não paginado.
- Darío, R. (1920). *Los raros*. Madrid: Imprensa de Juan Pueyo.
- Darío, R. (1991). *La vida de Rubén Darío escrita por él mismo*. Caracas: Los Talleres de Italgrafic.
- Darío, R. (2010). *Azul...* Caseros: Gradifco.
- Departamento Estadual de Ordem Política e Social. (26 de abril de 1967). *Relatorio Reservado n.º 58*. Dossiê Félix Peyrallo Carvajal (n.º 89 748). Arquivo Público do Estado de São Pablo.

- Departamento Estadual de Ordem Política e Social. (16 de maio de 1967). Conferência de Félix Carbajal no I.H.G.B., “Comentário à parte”. Dossiê Félix Peyrallo Carbajal (n.º 9679).
- Departamento Estadual de Ordem Política e Social. *Pedido de busca de 11 de julho de 1967*. Dossiê Félix Peyrallo Carbajal (n.º 9679). Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Departamento Estadual de Ordem Política e Social. (12 de julho de 1967). *Relatório Reservado n.º 58*. Dossiê Félix Peyrallo Carbajal (n.º 89 748). Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Departamento Estadual de Ordem Política e Social. *Félix Carbajal falará de Rubén Darío* [Recorte de prensa]. In Dossiê Félix Peyrallo Carbajal (n.º 9679).
- Divisão de Segurança e Informação do Ministério dos Transportes. (1 de agosto de 1972). *Comunicado sobre Atividades Subversivas no Sesquicentenário da Independência*. Relatório de Investigação sobre Atividades Subversivas. Arquivo Nacional do Brasil.
- Fico, C. (2001). *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record.
- García, J. (1995). Azul... de Darío: textualización del culto a la belleza. *Caravelle*, 64, 91-100.
- González-Rivera, V. (2005). Nicaraguan feminist Josefa Toledo de Aguerri: her life and her legacy. *Diálogos: Revista Electrónica de Historia*, 5 <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=853058> (1-2).
- Guiraldo, A. (1943). *El archivo de Rubén Darío*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- Machado, R. (2021). *Félix*. Chapecó: Editora Humana.
- Montaldo, G. (2013). *Rubén Darío: viajes de un cosmopolita extremo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Peyrallo, F. (7 de fevereiro de 1952). [Carta para Carilda Oliver Labra]. Acervo particular de Carilda Oliver Labra, Córdoba.
- Peyrallo, F. (6 de setembro de 1952). [Carta para Carilda Oliver Labra]. Acervo particular de Carilda Oliver Labra, Córdoba.
- Peyrallo, F. (17 de janeiro de 1953). [Carta para Carilda Oliver Labra]. Acervo particular de Carilda Oliver Labra, Córdoba.
- Peyrallo, F. (19??). [Carta para Carilda Oliver Labra], carta sem Informação n.º 02. Acervo particular de Carilda Oliver Labra, Matanzas.
- Peyrallo, F. (19??). [Carta para Carilda Oliver Labra], carta sem Informação n.º 09. Acervo particular de Carilda Oliver Labra, Matanzas.
- Peyrallo, F. (2005). Entrevistadora Claribel Terré Morell, Blumenau.
- Vila-Matas, E. (2004). *A Viagem Vertical*. São Paulo: Cosac Naify.